

**A SINGULARIDADE DO DESEJO:  
DIFERENÇA NÃO-SUBJETIVISTA, MAS ALÉM DO SOCIAL\***

MARIA PAULA FROTA  
(PUC – RJ)

*O progresso de Freud, sua descoberta, está na maneira de tomar um caso na sua singularidade. Tomá-lo na sua singularidade, o que quer dizer isto? Quer dizer essencialmente que, para ele, o interesse, a essência, o fundamento, a dimensão própria da análise, é a reintegração, pelo sujeito, da sua história até os seus últimos limites sensíveis, isto é, até uma dimensão que ultrapassa de muito os limites individuais.*

(Jacques Lacan, *Os escritos técnicos de Freud*)

Consideramos algo como singular, quando, em relação ao já conhecido, ele nos parece particular, extraordinário, por vezes mesmo bizarro. Mas não é tanto essa face da singularidade enquanto efeito sobre nós que pretendo examinar neste artigo – o que me interessa discutir sobretudo são os modos mais frequentes de conceber sua constituição. Sem dúvida é problemático pensar a eventual singularidade de um objeto como tendo duas faces distintas, uma, digamos assim, anterior, referente à sua elaboração, e outra, ao seu efeito. Isto porque, pode-se alegar, é a própria percepção de um objeto a responsável por atribuir-lhe (ou não) um valor de singularidade. Contudo, proponho mantermos tal distinção, considerando que, a partir do momento em que alguém o tem por singular, é possível, retrospectivamente, emprestar-lhe uma ou outra forma de constituição.

A qualidade de singular pode aplicar-se a qualquer objeto no mundo, mas aqui tenho em mente objetos de expressão humana, mais exatamente formações verbais, seja no circuito da fala e da escuta, seja, principalmente, no da escrita e da leitura. Quaisquer que sejam elas, das mais elaboradas às mais cotidianas. Início pelo confronto de diferentes enfoques teóricos acerca de formas singulares, passando a seguir à psicanálise, através dos lapsos de língua tal como formulados por Freud, e, finalmente, ainda com base em formulações freudianas, chego a uma ocorrência de singularidade lingüística que ilustra a argumentação desenvolvida. Tal singularidade (a qual

---

\* Este trabalho reúne algumas das idéias centrais que desenvolvi em minha tese de doutorado em lingüística, a ser publicada proximoamente em forma de livro (ver referências bibliográficas).

denominei *singularidade*), apesar de concebida no âmbito da tradução, a meu ver encontra relevância na sua possibilidade de acontecer em qualquer situação de linguagem, seja ela mais tipicamente de produção ou de recepção, isto é, mais tipicamente material ou interpretativa.

Um modo tradicionalmente bastante comum de se conceber uma formação lingüística singular – sobretudo no campo das humanidades, o foco em geral estando no texto literário – é aquele que costumamos associar ao cartesianismo, tendo em vista o poder que essa filosofia atribui ao sujeito individual enquanto razão. O autor é alçado a uma posição de genialidade, o seu pensamento ou consciência vistos como origem da produção verbal singular. Esta ganha um caráter de singularidade extremamente acentuado, já que, considerada por si só, não se vêem as injunções históricas e culturais que a condicionaram. É portanto a subjetividade individual que aqui ocupa o lugar central, vista como uma esfera de liberdade e autonomia que é fonte de si mesma e de tudo aquilo que produz.

Em oposição a esse subjetivismo, temos uma visão da singularidade verbal que se pode identificar a um pensamento oriundo do materialismo histórico. Eu diria que, nesse caso, há mesmo uma resistência a qualificar como singular uma produção em última instância individual, na medida em que esse termo é por muitos imediatamente vinculado ao individualismo, enquanto que, na visão historicista, sujeito e discurso são assimilados a formações sociais e ideológicas. Sendo o indivíduo assujeitado à história de forma absoluta, as suas ações são vistas como socialmente determinadas, os seus usos de linguagem associados às formações discursivas hegemônicas nos espaços em que ele circula.

Tendo-se por base essas duas posições extremas, temos a singularidade lingüística como constituída exclusivamente ou por uma subjetividade independente, ou por determinações históricas no âmbito de um grupo social. Se, no primeiro caso, a sua produção é atribuída a um subjetivismo racional, em detrimento dos inegáveis condicionamentos sócio-históricos, no segundo, perde-se a perspectiva de uma dimensão de subjetividade propriamente individual.

Desde os gregos, o pensamento ocidental vem-se construindo fundamentalmente sobre esses dois pólos. No campo da lingüística, temos a teoria saussureana como um modelo que implica essas duas posturas, se considerarmos algumas afirmações a respeito do binômio *langue/parole*. É justamente por vincular o segundo termo a um “ato de *vontade e inteligência*” realizado pelo falante para “expressar seu pensamento *pessoal*”, que Saussure resolve deixá-lo de fora, alegando que “a sua execução jamais é feita pela massa; ela é sempre individual e dela o indivíduo é sempre *senhor*” (*Curso de lingüística geral*, 1975:20-22, grifos meus). Já com relação à *langue*, ele vai dizer que ela

*existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independa da vontade dos depositários.* (Ibidem, p.21, grifos meus)

No contexto da *langue*, temos a exclusão do individual em favor da massa, depositária passiva do sistema, este constituído como um saber que não se fundamenta em qualquer ato subjetivo vinculado a um indivíduo: “enquanto permanecem individuais as inovações da fala, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua” (ibid., p.115). Como, certa vez, comentou informalmente Claudia Lemos, foi muito bom Saussure ter excluído de sua teoria o falante, uma vez que concebido como indivíduo-senhor; pena não tê-lo repensado em outros termos.

Há, hoje, quem assuma uma terceira posição teórica a respeito das produções singulares de linguagem, posição que seria, a rigor, uma soma das duas anteriores. Os seus proponentes, aparentemente ressentidos do abandono da esfera individual por teorias identificadas com o materialismo histórico, pensam aquelas produções como resultantes de um processo em que poderia haver uma alternância entre determinações sociais e escolhas individuais. O problema que essa proposta a meu ver apresenta consiste na preservação, em um dos pólos de tal movimento pendular, daquela noção subjetivista de sujeito que acima associei, como é costume se fazer, ao cartesianismo. O falante oscilaria entre ser falado e falar livremente; entre, digamos, uma assimilação pura e simples de formações discursivas e uma inovação ou ruptura advindas de um gesto de mestria.

Chego assim à psicanálise, a qual finalmente rompe com as teorias idealistas que autonomizam o pensamento, sem recair numa relação mecanicista entre a existência material da língua e o psiquismo, e tampouco sem deixar de articular os nossos atos lingüísticos e as circunstâncias históricas e culturais. Na psicanálise, a língua(gem) é pensada como uma estrutura que, sim, preexiste ao indivíduo, este tornando-se sujeito justamente por assujeitar-se a ela, mas como uma estrutura que, por incluí-lo enquanto sujeito plural e dividido, não só o constitui como pode ser singularmente rompida por ele – rompida pela singularidade do desejo inconsciente. Não há aqui nem uma substancialização da língua (do discurso, ou mesmo da história) que reduz os atos subjetivos a meros reflexos, incapazes de afetá-la; tampouco sua reificação, base da crença na possibilidade de a manipularmos livremente. O desejo pode acontecer como uma ruptura que se efetua de língua e na língua, dando-se como uma diferença que, sem ser subjetivista, está articulada à história do sujeito. As duas citações de Lacan abaixo, bem como a epígrafe, corroboram essa afirmação, no que tange aos seus dois alvos:

*É muito surpreendente que os sábios de laboratório continuem cultivando esta miragem segundo a qual o indivíduo, o sujeito humano [...] é deveras autônomo, e que existe, nele, em algum canto, um timoneiro, o homenzinho que está dentro do homem, que faz funcionar o aparelho. (Lacan, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, p.91)*

*Insisto no fato de que Freud avança numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivante, do método científico comum. Trata-se da realização da verdade do sujeito, como de uma dimensão própria que*

*deve ser destacada na sua originalidade em relação à noção mesma da realidade. (Lacan, Os escritos técnicos de Freud, p.31)*

Na *Psicopatologia da vida cotidiana*, de 1905, Freud trabalha com formações do desejo inconsciente cujo interesse, na presente discussão, é múltiplo: primeiro, é claro, por envolverem a singularidade, o tema aqui em questão, e também o termo, é bom que se diga, usado com frequência pelos psicanalistas exatamente em relação ao desejo; segundo, por tratarem-se dos lapsos de língua, esta o campo aqui demarcado para discutir ocorrências singulares; terceiro, porque Freud traz o exame dessas formações singulares para o âmbito da vida cotidiana, assim ampliando, mesmo desviando uma reflexão que costumava se restringir às singularidades autorizadas da poesia e da prosa literária; e quarto, ao tratar da “psicopatologia” da vida cotidiana, ele traz para investigação um material geralmente rejeitado: o erro. Essa noção, como se verá mais adiante, constitui um elemento fundamental para a conclusão a que pretendo chegar.

Freud diferencia os erros que se baseiam numa verdadeira ignorância dos erros derivados do recalçamento de um desejo. São esses últimos que denomina lapsos de língua e sobre os quais se detém no livro mencionado. Sobredeterminados, eles se constituem por um caminho mais marcadamente facilitado pela materialidade lingüística ou por associações de sentido. Embora possam ocorrer em qualquer operação de linguagem, vou comentar apenas os lapsos de escrita, devido à sua relevância mais direta para a presente argumentação. Diz Freud:

*em meu livro a Interpretação dos sonhos (1900) fui responsável por uma série de falseamentos do material histórico e factual em geral, nos quais reparei com assombro depois da publicação do livro. Investigando-os mais detidamente descobri que não haviam brotado de minha ignorância, mas remontavam a erros de memória que a análise poderia esclarecer. (A psicopatologia da vida cotidiana, 1996:217)*

Um dos lapsos relatados consiste na troca do nome de *Amílcar* por *Asdrúbal*. Freud queria referir-se ao pai de Aníbal e, ao invés disso, escreveu o nome do irmão de Aníbal. Comenta Freud:

*esse erro me foi especialmente aborrecido, mas foi o que mais corroborou minha concepção desses erros. Poucos leitores de meu livro hão de estar mais familiarizados com a história da casa dos Barca do que o autor, que escreveu esse erro e passou por cima dele em três revisões de provas. (Ibidem, p.217)*

E, mais adiante, pergunta:

*como se explica que minha memória, nesses pontos, me fornecesse o que era incorreto, ao passo que, como pode comprovar o leitor do livro, colocava a meu dispor o material mais remoto e incomum? E mais, como foi que em três*



*correções de provas, que fiz cuidadosamente, passei por esses erros como se estivesse cego?* (Ibid., p.218)

Vejamos a análise que faz Freud desse seu erro, tendo em mente que, enquanto lapso, ele derivou fundamentalmente de material recalçado, inadmissível à consciência – material recalçado que, no entanto, conseguiu se expressar em meio ao material relatado, sem que o autor o percebesse:

o erro de escrever *Asdrúbal* em vez de *Amílcar*, o nome do irmão substituindo *o do pai*, *ocorreu exatamente num contexto que se referia às fantasias sobre Aníbal em meus anos de ginásio e à minha insatisfação com o comportamento de meu pai frente aos “inimigos do nosso povo”. Eu poderia ter prosseguido e contado como minha relação com meu pai foi alterada por uma visita que fiz à Inglaterra, onde vim a conhecer meu meio-irmão, filho do primeiro casamento de meu pai, que lá vivia. O filho mais velho de meu irmão tem a mesma idade que eu; assim, as relações entre nossas idades não constituíam nenhum obstáculo a minhas fantasias de como as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse vindo ao mundo não como filho de meu pai, mas de meu irmão. Essas fantasias suprimidas falsearam o texto de meu livro no ponto em que interrompi a análise, forçando-me a colocar o nome do irmão em lugar do nome do pai.* (Ibid., p.219)

Esse lapso parece envolver tanto uma semelhança qualitativa com a idéia perturbadora, quanto uma semelhança material com a forma que foi “esquecida”. Ao lado das relações de sentido entre o texto que está sendo escrito e as representações inconscientes que sobredeterminam os lapsos – *pontes associativas* – quase sempre se estabelecem aquelas semelhanças materiais entre o lapso e a expressão correta – *pontes verbais* – para atender aos desejos recalçados que insistem em se expressar. O lapso acima é apenas um entre dezenas e dezenas de lapsos relatados por Freud, todos eles, cometidos por ele próprio ou por outros, acompanhados de uma análise que, por mais breve que seja, busca sempre interpretar, ressignificar a singularidade do desejo recalçado.

Importante ressaltar o caráter de erro dos lapsos. Como explicou Freud, ele cometeu “uma série de falseamentos do material histórico e factual em geral”, como no caso do parentesco Aníbal-Amílcar-Asdrúbal. É portanto o conhecimento desse material, acessível em princípio a qualquer um, que revela, sem margem de dúvida, a falha cometida. Esse “material factual”, facilmente averigüável no que tange aos nomes próprios, pode, em outros casos, ter características um tanto distintas – por exemplo, a língua codificada, em ocorrências mais raras nas quais o lapso consiste, digamos, em uma palavra inexistente ou erroneamente grafada; outro exemplo, o contexto lingüístico em que a formação ocorre, o que é o mais freqüente. Tal é o caso de *Edithel*, diminutivo de um nome de mulher, em lugar de *Epithel*, epitélio ou revestimento epidérmico, cometido em meio a apontamentos médicos. Esse lapso, segundo o médico que o escreveu, “é um belo exemplo de irrupção da atração inconsciente que senti por ela numa época em que eu mesmo não tinha a menor idéia disso” (ibid., pp.133-4).

Também incompatível com o seu contexto lingüístico é o lapso em que um paciente de Brill escreveu *frigid wife* em lugar de *frigid wave*, em texto no qual pretendia justificar o seu nervosismo recente com a perda de dinheiro investido em algodão, cuja plantação vinha sendo prejudicada pela brusca queda de temperatura. “No fundo de seu coração”, observa o médico, “ele abrigava ressentimentos contra a mulher por sua frieza conjugal e por não lhe ter dado filhos” (ibid., p.133).

Cabe investigar um pouco mais a fundo a articulação entre tais lapsos, tais formações do inconsciente, e formas singulares aceitas, criadas, por exemplo, por grandes escritores. Pode-se começar por dizer que ambas rompem com o esperado, com o conhecido; ambas trazem uma diferença em relação ao código, àquilo que é compartilhado, que já está estabilizado. Quanto ao fato de serem os lapsos formas incorretas, cabe lembrar como Freud habitualmente parte do “patológico” para falar do “normal”; isso é verdadeiro já desde os seus primeiros estudos, como o que elaborou sobre as afasias em 1891.

Um terceiro aspecto, procurando adiantar uma dupla resistência à aproximação que venho fazendo, diz respeito à oposição que se crê necessariamente radical entre expressões do inconsciente, as quais sempre nos apareceriam, digamos, em estado absoluto, e, de outro lado, formulações resultantes de elaboração puramente secundária, de uma inabalada intenção consciente. A isso pode-se tentar responder recorrendo a Lacan e novamente a Freud. De fato, o primeiro reafirma a diferença entre o inconsciente e o ego: “o sujeito [do inconsciente] não é a sua inteligência, não está no mesmo eixo, é excêntrico” (1987:16). Mas pergunto: será possível estender a todas as nossas ações essa diferença radical? Não é possível que muitas delas se constituam como um acordo entre as duas instâncias? Em um texto do próprio Lacan, lemos: “a eficiência do inconsciente não se detém no despertar. A experiência psicanalítica não é outra coisa senão o estabelecer que o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora de seu campo” (1978:245). Estas, se ultrapassam os sonhos, não se restringem, no entanto, a lapsos ou a atos falhos. Por um outro caminho, com a insistência de Freud em sublinhar a primazia do inconsciente, é possível fortalecer o argumento: “o psíquico é em si mesmo inconsciente”, “o inconsciente é o verdadeiro psíquico”; “a consciência é apenas uma qualidade inconstante”; “a consciência só nos pode oferecer uma cadeia incompleta e rompida de fenômenos” (1996, v.23, pp.305-6). Os dois não são opostos, mas distintos, e não temos controle sobre a distribuição de seus funcionamentos. Segundo Freud, o desejo intervém não só em pequenos gestos da vida cotidiana, mas em esferas incomparavelmente mais importantes de nossas vidas, como o trabalho científico. A “realidade externa” e conseqüentemente a ciência, que sobre ela se volta, sempre implicam o sujeito (do desejo), justamente porque mediadas pela linguagem. E, ainda segundo Freud, é um engano acreditar “que se é livre para escolher as palavras com que se revestem os pensamentos ou as imagens com que eles são disfarçados” (1996, v.6, p.215). Na escolha de uma forma lingüística, porque sobredeterminada, entram em jogo inúmeras “considerações”, algumas das quais querem expressar algo mais profundo e não deliberado. Acredito portanto que qualquer de nossas ações intencionais é passível de ser de todo derrotada ou, em menor grau, fortemente influenciada por outra atividade, alheia à consciência. Se no primeiro caso, apesar de suas condições de visibilidade, podemos ficar cegos e não percebê-la, no segundo, o

êxito do “disfarce” pode ter como efeito, na própria formação, uma visibilidade muito menor, passando-se (ou não) por ausência de qualquer intervenção do desejo. E a língua é um campo extremamente fértil para ilusões desse tipo – como também disse Freud, no livro sobre os chistes, “as palavras são um material plástico com o qual se pode fazer toda sorte de coisas” (1996, v.8, p.41).

A essa argumentação pode-se ainda acrescentar o aspecto da autorização de uma singularidade, de uma ruptura subjetiva. Em relação aos autores literários sem dúvida nos mostramos mais condescendentes, oferecemos uma resistência muito menor em aceitar suas criações, suas rupturas, suas singularidades; possivelmente eles também resistam bem menos ao fluxo de suas livres associações. Porém, ainda que se julgue verdadeira a fórmula menor resistência na escrita e na leitura, maior possibilidade de expressão do desejo, ela pode implicar uma meia-verdade, senão mesmo um falseamento, se dela se depreende o inverso: máximo controle, ausência de expressão do desejo. Como se viu, esse tipo de formação pode acontecer nas mais diversas situações e acontece à nossa revelia – ela pode nos cegar, como cegou a Freud mais de uma vez, ao escrever alguns de seus principais trabalhos de psicanálise<sup>1</sup>; seja ela mais “pura” e visível, como o lapso, ou menos “pura” e visível, como a singularidade que passo a propor com base no processo tradutório.

Proponho pensarmos uma espécie de singularidade tradutória por acreditar, primeiro, que sua concepção, como a do lapso, rompe com o subjetivismo, mas implica a história do sujeito individual para além da ordem histórica estritamente social; segundo, que ela extrapola binarismos do tipo certo/errado, normal/patológico, ou mesmo formação do inconsciente<sup>2</sup>/formação secundária ou consciente; e por acreditar, terceiro, que ela evidencia um tipo de acontecimento singular (não-binário) que pode se dar em qualquer situação lingüística.

É ainda em Freud que me inspiro para criticar o pensamento dicotômico, isto é, um pensamento que se constitui atribuindo aos objetos qualidades que forçosamente seriam excludentes entre si. Começo por um pequeno trecho dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, datado de 1905, trecho extraído de um tópico sugestivamente intitulado ‘Variação e doença’:

*a experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões [perversas], no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. [...] Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera*

---

<sup>1</sup> Veja-se, por exemplo, o famoso caso em que Freud manteve a palavra alemã *Geier* (“abutre”) como tradução do italiano *nibbio* (“milhafre”), em “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância” (sobre a polêmica, ver, entre outros, o trabalho de Bass).

<sup>2</sup> Cabe observar que não se trata de uma formação *inconsciente*, o termo tomado como adjetivo, mas do *inconsciente*, substantivo, o que, sem excluir o sentido anterior, o ultrapassa em muito.



*variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos.* (1996, v.7, p.152)

Freud me parece fazer uma crítica ainda mais radical a tal pensamento binarista, quando afirma o caráter fictício da “normalidade”. Embora, em toda a sua obra, ele recorra às noções de doença e de normalidade, ele a meu ver não cessa de tentar desembaraçar-se dela, a começar com a própria noção de neurose, a qual aparentemente é concebida como um cruzamento entre o que é tido como são e o que é tido como patológico:

*um ego normal é, como a normalidade em geral, uma ficção ideal. O ego anormal, inútil para nossos fins, infelizmente não é ficção. Na verdade, toda pessoa normal é apenas normal na média. Seu ego aproxima-se do ego do psicótico num lugar ou noutro e em maior ou menor extensão, e o grau de seu afastamento de determinada extremidade da série e de sua proximidade da outra nos fornecerá uma medida provisória daquilo que tão indefinidamente denominamos de “alteração do ego”.* (1996, v.23, p.251)

Essa afirmação é feita em um texto de 1937, no qual Freud questiona a possibilidade da cura pela psicanálise, ou seja, de se “chegar a um nível de normalidade psíquica absoluta”. Ele mostra a dificuldade em dar uma resposta à questão e se diferencia tanto dos céticos quanto dos otimistas, que, claro, se mantêm presos ao dualismo que ele questiona.

É esse lugar terceiro da neurose – nem doença nem normalidade, ou, digamos assim, para fins operacionais, algo entre a anormalidade e uma normalidade de valor puramente fictício, *imaginário* – que trago para situar a singularidade como uma formação que concebo a partir da tradução, processo que envolve leitura e escrita.

No âmbito da tradução, também é preciso pensar em termos de uma “média”, com a qual se possa, “provisória” e variadamente, alocar o “grau” de correção ou adequação de uma escolha feita. Na tradução, a unanimidade em torno de uma escolha única, salvo raras exceções, também tende a ser uma “ficção ideal”, o mesmo não acontecendo quando se trata de uma opção unanimemente considerada errada. Assim como as perversões em um “grau médio” e “variável” fazem parte dos “jogos sexuais sadios”, acrescentam-se ao “alvo sexual normal”, essas singularidades tradutórias a que me refiro integram, com frequência muito maior do que se supõe, o traduzir “normal”.

Antes, ainda, de trazer exemplos dessa singularidade tradutória específica, para melhor identificá-la, cabe trazer novamente os lapsos freudianos para mostrar a ambiência em que ocorrem não apenas estes mas também aquela, ambos marcados pela singularidade do desejo inconsciente. Ao falar do lapso de leitura, Freud diz que

*num imenso número de casos é a predisposição do leitor que altera a leitura e introduz no texto algo que corresponde a suas expectativas ou que o está ocupando. A única contribuição que o próprio texto precisa fazer ao lapso de leitura é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra, que o leitor possa modificar no sentido que quiser. Sem dúvida, a leitura apressada, especialmente quando há uma deficiência visual não corrigida, aumenta a*



*possibilidade de tal ilusão, mas certamente não é uma precondição necessária. (1996, v.6, p.121)*

Ele mostra “um segundo grupo de casos”, em cuja constituição, distintamente daquela acima descrita,

*é muito maior a participação do texto no lapso de leitura. Ele contém algo que mexe com as defesas do leitor – alguma comunicação ou exigência que lhe é penosa – e que, por isso mesmo, é corrigido pelo lapso de leitura, no sentido de um repúdio ou uma realização de desejo. Nesses casos, evidentemente, somos forçados a presumir que, de início, o texto foi corretamente entendido e julgado pelo leitor, antes de passar pela retificação, embora sua consciência nada tenha sabido dessa primeira leitura. (Ibidem, p.122)*

Vemos, a partir daí, a impossibilidade de separar o que lê do que é lido. O texto, apesar de distinto em sua materialidade, funde-se, na leitura, ao sujeito do desejo. Na relação de escrita, essa impossibilidade parece ainda mais acentuada: aquele que escreve se escreve. É a esses pontos em que língua e desejo se articulam, que Lacan dá o nome de *alíngua*. Pontos em que o ego, o falante enquanto indivíduo-senhor, sem que o soubesse, teve de lutar, e ao menos em parte saiu derrotado, como diria Freud, com a influência perturbadora do desejo.

No processo tradutório, por ele envolver as duas operações, torna-se com frequência difícil saber em que momento irrompe uma formação do inconsciente, embora, sem dúvida, ela se materialize na escrita. Por esse motivo, creio que seria interessante, seguindo o pensamento freudiano, trabalharmos com a idéia de lapsos de tradução. O estudo dessas formações no campo da tradução é a meu ver extremamente relevante, considerada a frequência com que ocorrem e a forma redutora como costumam ser pensadas, meros frutos de desatenção:

*há não muito tempo, traduzi “un pueblo de 5 mil habitantes” por “a city with a population of 5 million” [...]. Eu deveria ter levado um tiro. [...] Poder-se-ia dizer que entre mil e million há uma relação de decalquè e procurar uma causa lingüística, mas a verdadeira causa aqui foi, provavelmente, algo como a entrada de minha filha de um ano no escritório. Eu devo ter-me distraído e cometi o erro. Isso ocorre com maior frequência do que ousou confessar. (Pym, 1993:102, minha tradução)*

Freud não desconsidera a falta de atenção como um dos fatores constituidores do lapso, mas, em uma brilhante inversão, mostra como pode ser ela, sim, efeito de um pensamento inconsciente:

*o fator da atenção nos lapsos da fala, da leitura e da escrita deve ser determinado de maneira diferente daquela descrita por Wundt (ausência ou redução da atenção). Os exemplos que submetemos à análise realmente não*

*nos autorizam a supor que tenha havido uma redução quantitativa da atenção; encontramos algo que talvez não seja exatamente a mesma coisa: uma perturbação da atenção por um pensamento que se impõe e demanda consideração.* (1996, v.6, p.139, grifos meus)

O lapso resultante da “desatenção” de Pym exige, para ser percebido, ou o conhecimento “factual” do referido *pueblo*, ainda que a partir de outras descrições dele feitas no próprio texto, ou, na ausência desse conhecimento, o cotejo da tradução com o original. Um outro exemplo de lapso que encerra, para sua percepção, uma exigência análoga, é aquele que foi cometido na tradução do poema “A woman waits for me”, de Walt Whitman. Inseridos no poema, lemos os dois versos seguintes: *Sem pejo a mulher de quem eu gosto conhece e assegura a delícia do seu sexo, / Sem pejo a mulher de quem eu gosto conhece e assegura as suas.* Ora, não há aí qualquer problema de incoerência, qualquer erro de sintaxe ou de ortografia. A menos que se saiba de cor o poema de Whitman, é apenas no cotejo com o original, tomado em sua materialidade, que o lapso se revela: *Without shame the man I like knows and avows the deliciousness of his sex, / Without shame the woman I like knows and avows hers* (Silveira Jr., 1990:46-7). Também nesse caso o tradutor admitiu o erro, mas não deixou de evocar a co-responsabilidade do revisor.

Contudo, se no caso dos lapsos, bem como no dos erros derivados de ignorância, o cotejo entre tradução e original, como último recurso, é capaz de revelá-los enquanto escolhas sem dúvida incorretas, considerados os objetivos das traduções em que se inserem, o mesmo não se dá com a singularidade que proponho. Exatamente porque, ao contrário daqueles, ela possui uma natureza terceira: nem errada nem certa; ou, se preferirem, certa e errada. Tendo por base os critérios implicados no estudo freudiano sobre os lapsos de língua, não se justifica que a ela se atribua, como seu, nem o caráter de erro, nem o de acerto. Estes são tomados como traços consensual ou unanimemente percebidos, em determinada formação lingüística, por aqueles que têm conhecimento do “material factual” que sofreu o “falseamento”. É nesse sentido que posso dizer que a singularidade constitui-se em uma situação de linguagem marcada por acentuada fluidez ou indeterminação, ao contrário do que ocorre, por exemplo, quando estão envolvidos números ou nomes próprios. Se ela se aproxima do lapso enquanto efeito do desejo, dele se diferencia no que tange ao grau de transgressão do código.

Vejamus um caso: certa vez, uma aluna reagiu com veemência contra a correção de determinada expressão por ela utilizada em um poema de Sylvia Plath que havia traduzido. Tratava-se da tradução de *picking up* por “colando”. Surpresa diante de sua reação, pedi a ela que justificasse, que embasasse sua escolha. Depois de alguns minutos de silêncio – durante os quais ela parecia só então re-constituir aquela escolha, aquele momento singular em que se constituíram sujeito e texto – ela começou a falar:

*quando eu era criança, minha mãe, ao confeitar bolos [para vender], várias vezes me dizia que a cola do bolo era o glacê e, de fato, ela tinha razão. Havia ocasiões em que via aqueles bolos completamente espedaçados devido à fofura da massa. Mas, com um pouco de paciência e com a ajuda do glacê,*

a restauração do bolo era possível. O glacê, além de ser cola, era também o único remédio.<sup>3</sup>

Transcrevo abaixo as duas estrofes intermediárias do poema de Plath e a tradução da aluna. Destaco, seguindo um outro momento de sua fala, os significantes que formaram uma espécie de rede da qual a tradutora foi presa, sem se dar conta, durante todo o processo de tradução que vivenciara. Nessa rede emergiu “colando” para *picking up*, e não um previsível “catando” ou “pegando”:

(...)

What is so real as the cry of a *child*?  
A rabbit's cry may be wilder  
But it has no soul.  
*Sugar can cure every thing, so Kindness says.*  
Sugar is a *necessary fluid*,

Its *crystals* a little *poultice*.  
O kindness, kindness  
Sweetly *picking up* pieces!  
My Japanese silks, desperate butterflies,  
May be pinned any minute, anaesthetized.

(...)

(...)

O que é mais puro que o choro de um *filho*?  
O choro de um coelho pode ter mais ardor  
Mas ele não tem alma.  
O *açúcar cura* tudo, diz a Bondade.  
Açúcar, um *fluido necessário*,

Seus *cristais*, um pequeno *cataplasma*.  
Ó bondade, bondade  
*Colando* os cacos com doçura!  
Minhas sedas japonesas, desesperadas borboletas,  
Alfinetadas a qualquer minuto, anestesiadas.

(...)

*Child-filho*-a tradutora criança. *Sugar-crystals-açúcar-cristais*-o bolo de sua mãe, seu. *Cure-poultice-cura-cataplasma*-a restauração, o remédio, o glacê: *necessary fluid-fluido necessário* que refaz, cura, *cola*!

Outro caso: essa experiência configurou-se em torno da tradução de *rocking chair* (“cadeira de balanço”) por “cadeira de rodas”, numa canção do longa-metragem musical de Woody Allen, *Everyone says I love you / Todos dizem eu te amo* (1997). Escreveu-me a tradutora:

*algumas semanas antes da estréia nacional do filme, mas depois que ele já havia sido legendado pelo laboratório, acordei de madrugada sobressaltada, com a certeza de que havia um equívoco na tradução de um dos números musicais. Fui para o computador e repassei todas as canções uma a uma, até que me deparei com o seguinte:*

I have a message for you.  
You work and work,  
for years and years,  
always on the go.  
You never have a minute,  
too busy, making money.

Tenho um recado.  
Você trabalha e trabalha  
Durante anos e anos.  
Sempre a mil.  
Nunca tem um minuto,  
ocupado, ganhando dinheiro.

<sup>3</sup> Essa fala foi a seguir transcrita no trabalho da aluna, intitulado “Tradução: cópia ou criação?”. Pequenos excertos de seu trabalho, dentre eles essa fala transcrita, foram publicados no volume *Letras em tradução – antologia de poemas traduzidos* (ver referências bibliográficas: Prado).



You say one day  
you'll have some fun  
when you're a millionaire.  
Imagine all the fun you'll have  
in your old *rocking chair*.  
Enjoy yourself,  
it's later than you think.  
(...)

Diz que um dia  
irá se divertir  
quando for milionário.  
Imagine como irá se divertir  
numa *cadeira de rodas*.  
Divirta-se,  
é mais tarde do que você pensa.  
(...)

O contexto da canção no filme é o velório de um avô cujo fantasma levanta-se do caixão e, dirigindo-se à família, reunida, diz que se eles continuarem a trabalhar na intensidade em que o fazem, suas vidas vão passar e, quando se derem conta, estarão presos a uma *cadeira de balanço/rodas*. A tradutora, que morou por diversos anos nos Estados Unidos, onde fez mestrado em literatura, relatou-me, “arrasada”, o que considerou um “terrível ato falho”. Eu lhe observei que considerava “cadeira de rodas” uma melhor tradução do que “cadeira de balanço”, se tivéssemos em vista a nossa cultura urbana e, a partir daí, o que me pareceu uma metáfora aqui muito mais adequada da impotência normalmente associada à velhice. Ainda a favor de sua escolha inconsciente, ponderou-se mais tarde, há a identidade acústica e visual entre as primeiras sílabas das duas palavras e o costume corrente de as cadeiras de escritório, ou seja, de trabalho, terem rodinhas. Porém, independentemente da pertinência ou não da tradução, considero interessante acrescentar que a tradutora, a princípio, atribuiu sua motivação inconsciente a uma possível identificação entre a figura do avô, no filme, e parentes idosos dela própria, avós e tios-avós, os quais, em sua quase totalidade, terminaram suas vidas presos a uma cadeira de rodas. Após a análise feita pela tradutora junto a seu analista, contudo, o objeto/sentido identificado deslocou-se para ela própria, há anos traduzindo sem parar, presa a uma “cadeira de rodas”.

Se nos restringimos ao livro de Freud sobre os lapsos, é possível deduzir que ele trabalha exclusivamente sobre o dualismo certo/errado. Porém, se consideramos outros momentos de sua obra, como aqueles em que explicita sua visão de *normalidade* e de *perversão*, ao lado de afirmações que faz sobre a língua, como a que citei a partir do livro sobre os chistes, é possível deduzir que Freud, se de fato trabalha com o dualismo certo/errado, não se limita a ele. Ou seja, creio ser possível atribuir à psicanálise a valorização, no que tange às línguas, aos seus usos, de toda uma área “intermediária” que, caracterizada por acentuada indeterminação ou instabilidade, é extremamente propícia à intervenção ou construção do desejo inconsciente, materializado em “graus médios” de visibilidade e de aceitação. Se o lapso implica uma fronteira nítida entre o código e a sua evidente transgressão pelo desejo, a singularidade, por sua vez, mistura código e desejo, não estando nem em absoluto acordo com o primeiro nem se revelando como sua indiscutível ruptura.

No campo dos estudos da tradução, assim como em tantos outros, a atitude mais comum no que tange aos acontecimentos relacionados à esfera da subjetividade é a de vê-los como resultado ou de uma manipulação deliberada ou de um “estado mental” alheio à “natureza do trabalho de tradução”, levando a concluir que, “portanto, não se pode realmente esperar que uma teoria de tradução se ocupe de tais casos externos” (Pym, 1993:132). Há, assim, não propriamente uma trivialização e uma “exteriorização”

de tudo o que concerne ao desejo inconsciente, mas, de fato, uma total ignorância. Uma vez que dele o sujeito é efeito, que com ele o sujeito se escreve, lê, fala e escuta, importa em muito trazê-lo para a reflexão sobre as atividades de língua. E mais ainda se, para além de o isolarmos nos limites visíveis e indiscutíveis dos lapsos e dos chistes, o trouxermos para os espaços onde, menor a nitidez ou a estabilidade lingüísticas, maior a ação do “disfarce”. Para comprová-lo, bem ao gosto dos cientistas, basta dar a palavra àquele por cuja mão (ou boca) saíram formas que não provocam nossa unânime rejeição, mas uma certa dúvida, um sutil estranhamento. Não importa a situação: um poema, uma canção, um ensaio, uma bula de remédio; não importa quem: um grande poeta, Freud, um aluno, nós mesmos. Depois de alguns “testes”, ficam bem claras, para aqueles que as provaram, essas impuras e tantas vezes invisíveis singularidades. Mas para tanto é preciso nos abrimos para o terceiro. E para o quarto.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASS, Alan (1985) “On the history of a mistranslation and the psychoanalytic movement”. Graham, J. F. (org.) *Difference in translation*. Ithaca and London: Cornell Univ. Press.
- FREUD, Sigmund (1977) *A interpretação das afasias*. Tradução de Antônio Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_\_. (1996) Salomão, J. (org.) *Obras completas – Edição Standard Brasileira*. Tradutores diversos. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. “Algumas lições elementares de psicanálise”, v.XXIII.
- \_\_\_\_\_. “Análise terminável e interminável”, v.XXIII.
- \_\_\_\_\_. *A psicopatologia da vida cotidiana*, v.VI.
- \_\_\_\_\_. “Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância”, v.XI.
- \_\_\_\_\_. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, v.VIII.
- \_\_\_\_\_. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, v.VII.
- FROTA, Maria Paula (no prelo) *A singularidade na escrita tradutora – linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas/São Paulo: Pontes-Fapesp.
- LACAN, Jacques (1978) “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”. *Escritos*. Tradução de Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva.
- \_\_\_\_\_. (1987) *O Seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Tradução de M. C. Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (1996) *O Seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PLATH, Sylvia (1981) “Kindness”. Hughes, T. (org.) *The collected poems*. New York: Harper & Row.
- PRADO, Maryluci (1992) “Tradução: cópia ou criação?”. Trabalho inédito. Curso de Teorias da Tradução. Depto. de Letras, PUC-Rio.
- \_\_\_\_\_. (1994) “Kindness/Bondade & Comentários”. Ferreira, A. B. F. e outros (orgs.) *Letras em tradução: antologia de poemas traduzidos*. Depto. de Letras, PUC-Rio.
- PYM, Anthony (1993) *Epistemological problems in translation and its teaching – a seminar for thinking students*. Calaceit, Spain: Edicions Caminade.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1975) *Curso de lingüística geral*. Organizado por Bally, C. e Sechehaye, A. Tradução de Antônio Shelini, José P. Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da (1990) "A interpretação do analista: uma questão de tradução".  
*Angélica – psicanálise e cia*. Colégio Freudiano do Rio de Janeiro: *aoutra*, pp.45-54.